

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR. VIRIATO E SERTÓRIO, DOIS HERÓIS DE SINAL CONTRÁRIO?.**

PINHO, António C.

Ano: 1985 | Número: 95

---

### **Como citar este documento:**

PINHO, António C., Notícias da Actividade Cultural. III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Viriato e Sertório, dois heróis de sinal contrário?. *Revista de Guimarães*, 95 Jan.-Dez. 1985, p. 164-167.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Viriato e Sertório — dois heróis de sinal contrário?

Por PROF. ANTÓNIO C. PINHO

Devido ao crescendo da investigação nos múltiplos ramos do conhecimento, verifica-se uma progressiva cientificação dos mesmos. Daí, a necessidade de reavaliar a textura do discurso hermenêutico; de formular e reformular questionações conformes à modernidade do pensamento; de esclarecer, avançando, o que permaneça meramente especulativo; de aventar hipóteses, confrontando-as e articulando-as segundo a lógica da sua dinâmica, visto «que a hipótese é um poderoso instrumento de pesquisa científica e, não raras vezes, a antecâmara da verdade»; de propor e aprofundar pistas que se nos antolhem fecundas; de rever exegeses, metodologias, conceitos à luz de uma consciência apurada pelo exercício diligente da prática e da teoria; de consolidar e crescer as aquisições do património cultural; enfim, de intuir, para depois racionalizar, o que se nos esconda como causa de um efeito que desde logo não se nos explicita.

No particular do amplo e complexo da historiografia, mau grado a credibilidade dos dados disponíveis, factuais e subsidiários, impõe-se revisitar as fontes, inventariar, re-interpretando-o, todo o material acumulado e construir outras quiçá mais claras sínteses, as quais, por força da dialéctica interna, apontem novas direcções, novas linhas de rumo — menos definitivas, naturalmente, do que sempre tão correctas quanto sempre actualizadas. E livre o investigador de superstições ou preconceitos político-ideológicos, porquanto essa espécie de feiticismo não se coaduna com o espírito científico, o rigor da análise, a argúcia da crítica.

Oxalá no tema — preferiria, no esquema — de que tratarei, sobretudo como objecto de reflexão, não agrida os princípios sucintos enunciados. Ademais, supondo não haver elementos inéditos acerca de Viriato e Sertório que alterem no essencial as respectivas biografias, sinto-me à-vontade para deixar de lado o que seria ocioso repetir e limitar-me ao âmbito da pergunta dicotómica: acaso as figuras viriatina e sertoriana não constituirão, de facto, *dois heróis de sinal contrário?*

Eis, precisamente, o que tentarei problematizar com a coerência bastante à sua dilucidação.

\*  
\* \* \*

«Surpreendente é a semelhança entre Viriato e Sertório». «(...) Uma notável coincidência existe entre os dois homens», «estranha coincidência» que «Já a antiguidade notou». «Ambos (...) lançam raízes na nacionalidade ibérica». «Notável par!», etc.

Os passos transcritos escreveu-os Schulten, arqueólogo e erudito alemão de Erlangen, tomado no ensejo como paradigmático, constando da tradução prefaciada pelo prof. Mendes Correa.

À parte os méritos de Adolf Schulten, autor de estudos hispânicos de consulta irrecusável, haveremos, em boa verdade, de ser concordes ao equiparar o lusitano Viriato e o romano Sertório?

Muito ao invés de o advertir, a «surpreendente semelhança» referida ter-lhe-á obnubilado a lucidez da inteligência, diminuído a isenção de cientista, a pontos de não discernir em tal «semelhança» o que nela se inculcava de dissemelhante.

Presa, afigura-se-me, de um entusiasmo que a prudência do sábio negligenciou, muito ao invés de advertido esqueceu-se do porquê da «estranha coincidência», de averiguar quando, onde *a* e *que* «coincidência», de detectar o diferente na fortuita semelhança, de começar por distinguir o *autóctone* do *estrangeiro*, o *pastor* do *pretor*, guindados a «notável par» e afinal *ímpares*, potquanto, obviamente, contrários entre si.

Descendente de pais modestos, serrano educado e adestrado nas arduidades da pastorícia, Viriato, nativo dos Hermínios (?) da Hispânia ou Ibéria, nutria-se da influência telúrica destes ou desta, pensava e falava na língua comum, observava os usos e costumes da colectividade. Contrariamente, Sertório veio de Roma, com a formação peculiar do soldado imperial, os hábitos e privilégios da sua *classe*, a mentalidade característica do orador eloquente, do militar bafejado pelo êxito.

Viriato teria sido escolhido, e aceite por imperativo de solidariedade a chefia dos Lusitanos, quando «só [se podia] escolher entre a morte e a submissão»; Sertório, exibindo prestígio e talento capazes de «dissipar o terror que lhes inspiravam [aos aborígenes] os Romanos, anuiria ao convite por razões de conveniência pessoal. Motivações, portanto, simultaneamente convergentes e diversificadas.

As estratégias dos dois chefes de procedência, sublinhe-se, antagónica, apenas acidentalmente seriam afins. O objectivo último a atingir — obstar à dominação da potência invasora — implicava, contas feitas, duas estratégias jamais plenamente idênticas: a de Viriato, atenta à diplomacia de paz dos acordos, visava a integridade territorial, expressa na genuína governação autonómica; a de Sertório, sem descurar outrossim a negociação pacífica, acabaria, subtil ou manifestamente, por satisfazer aos interesses, desígnios e contingências do patriciado romano.

Dizendo dois estrategos (caudilho reservado para o Lusitano), digamos, apropriadamente, duas táticas: a viriatina, conhecedora do terreno, habilidosa na aplicação dos insuficientes, decerto deficientes, recursos materiais e humanos, flexível, astuta, imaginativa, mais improvisada do que sistemática, adaptada às exigências da guerrilha; a sertoriana, de maior eficácia, em virtude de enriquecer a experiência e o treino das hostes locais com o saber e a disciplina trazidos das legiões que o cabo-de-guerra comandara, bem assim com o reforço dos homens e quadros que lhe permaneceram fiéis, além de um adequado emprego de meios naturais, técnicos, logísticos...

Conseqüentemente, estratégias, táticas, móveis específicos, consequência de Viriato, autêntico defensor das liberdades comunitárias do seu torrão, nele se radicar, e de Sertório, um desenraizado, viver as vicissitudes dramáticas do proscrito. No entanto, se as dissensões político-partidárias o forçaram a combater os compatriotas, almejava deveras uma amnistia, «pois antes queria ser o mais insignificante dos cidadãos de Roma do que, desterrado dela, ser rei de todo o resto do mundo».

O assassinio, então, do guerrilheiro, por aleivosia de companheiros vendidos, inserir-se-ia logicamente na trama dos planos do inimigo, para quem se justificariam todos os processos que, aniquilando uma resistência intrépida e pertinaz, entregasse submisso e dependente aquele que «injuriada tem de Roma a fama, / vencedor invencível, afamado». O *capitão de ladrões*, com jus ao apanágio de *amicus populi Romani*, representava, iniludivelmente, pelo apego à comunidade que o impulsionava, o primeiro adversário a abater.

Semelhança na dissemelhança, a supressão de Sertório, urdida pelos próprios da sua confiança, eliminaria, do mesmo golpe, um émulo e cabeça de uma luta intolerável, um «patrício», em suma, atirado por conflitos de partidos para o campo adverso, de onde adiaava as inevitáveis ocupação e expansão romanas.

Enquanto Viriato era paladino das populações ibéricas da Lusitânia, Sertório, sem dúvida mercenário, servindo-se dela servia também a Roma. Isto é: imolava a dois senhores: a um, por contrato, a outro, por devotamento. Palavras proferidas noutra contexto, ajustadas agora à situação: «É preciso que Roma seja engrandecida pelas minhas vitórias e não que a vitória me seja assegurada pelo apoucamento do seu império». Destarte, com ele, o início da romanização peninsular, testemunhada por um Senado de 300 membros e uma escola para filhos de notabilidades indígenas, por exemplo. Ajunte-se a sua *doçura* de trato, por *cálculo*, não impeditiva das crueldades que praticou e consentiu.

As noções de Pátria, Patriotismo, Nação, Nacionalidade, são ideias tardias, datando do século XV a «lusitanidade», por assimilação da Lusitânia a Portugal. Contudo, se não é lícito qualificar Viriato de *patriota*, cabouqueiro das primeiras pedras da *nacionalidade*, sê-lo-á menos recusar-lhe um ideal de independência.

Quanto àquele que viria a substituí-lo, Camões soube vê-lo com objectividade de registar: «Ó tu, Sertório, / (...) e vós outros dos antigos / Que contra vossas pátrias, com profano / Coração, vos fizestes inimigos / (...) Dizei-lhe que também dos Portugueses / Alguns traidores houve algumas vezes».

Sertório, à evidência, duplamente *inimigo* e *traidor*, mas romano inteiro, apesar de comprometido nunca poderia insuflar-se o denodo lusitano, nunca poderia aspirar a uma Lusitânia dos Lusitanos: o coração palpitava-lhe ao ritmo da e pela nação de berço.

Ligados, de certa maneira, pelos meandros da História, entretanto amando a permanência e a glória da terra e dos povos de que provinham, Viriato e Sertório, que a memória das gerações não olvidou, dois heróis, sim, respondendo à pergunta do começo, todavia de sinal contrário. Duas vítimas, de resto, do mesmo verdugo: um, por se bater pela autonomia e a auto-determinação da sua Lusitânia; o outro, porque o bateram querelas e sequelas das ambições de poder e a inexorabilidade da sua Roma imperialista.